

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

FOLHA QUINZENAL

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

JOÃO LINO D'ASSUMPÇÃO

A gravura com que hoje ilustramos o nosso periodico devia acompanhar o artigo que com a devida venia transcrevemos do «Diario Illustrado» de 10 do passado e que publicamos no nosso numero anterior.

Solicitamos da illustrada redacção d'aquelle «Diario» a fineza da reprodução da gravura que hoje damos á estampa, sendo-nos concedida; mas tendo-nos chegado á mão a tempo de não poder ser publicada de modo a acompanhar aquelle artigo, intendemos do nosso dever, logo que se nos proporcionava occasião, não deixarmos de a publicar, o que fazemos hoje.

Prestamos assim mais completo preito á honrada memoria d'um benemerito.

Os nossos leitores encontrarão, pois, no nosso n.º 44 a biographia do homem que deixou de si tão honrosa memoria e que todo o bombeiro brioso deve venerar e respeitar, como um dos mais benemeritos da phalange dos homens mais prestadios á sociedade, que tem por divisa o dever, por lema o bem da humanidade.

Utensilios do carro de material

(MACHADO, GADANHO, BICHEIRO)

Já descrevemos a bomba e o carro de material dos bombeiros municipaes d'esta cidade, assim como

os seus utensilios, pela ordem que os designamos no n.º 39 d'este periodico, a saber: a escada ingleza de lanços, a escada á crochets (de ganchos) ou franceza, a manga de salvação e o respirador.

Segue-se agora o machado, o gadanho e o bicheiro, utensilios igualmente indispensaveis para todas as companhias de incendios.



Principiaremos com a descripção do machado. E' impossivel fixar a epocha em que foram inventados, assim como os gadanhos; mas o que se sabe é que já os povos das eras mais remotas empregavam estas ferramentas para varios misteres domesticos e que o machado era uma arma uzada em batalha pelos antigos guerreiros.

Não ha bombeiro algum, por certo, que desconheça a applicação que se dá em um incendio ao machado grande, mas o que talvez muitos ignorem é a nomenclatura das diferentes partes de que se compõe.

Todos os bombeiros deverão trazer á cinta um machado pequeno que lhes sirva para arrombar uma fechadura, os caixilhos de uma janella ou qualquer taboa e divisão que offereça pouca resistencia; porém os

machados grandes que são conduzidos na carreta da bomba e no carro de material, foram feitos a fim de que o bombeiro pudesse fazer cortes mais importantes e remover obstaculos para os quaes o machado pequeno fosse insufficiente.

Ha diferentes qualidades e formatos de machados, mas aquelles que estão adoptados na nossa companhia municipal são os seguintes, que se compõem de cabo, lamina, gume, olho, martello, e outros que

em lugar do martello teem **bico e chumaceiras**, e alguns, **orelhas**.

O gadanho, que serve para remover entulhos, compõe-se de **cabo, olho e dentes**, e se bem nos lembra, também ha alguns á imitação dos que uzam os voluntarios d'esta cidade, que em vez de **olho** teem **baucha**.

O bicheiro é muito antigo, como consta de uma gravura que representa o interior da loja do pae de Ctesibio, o insigne mechanico de Alexandria e inventor da primeira bomba.

Verdade é que o bicheiro tem sido já muito aperfeiçoado, sendo William Baddelay, natural da Inglaterra, quem o melhorou consideravelmente, substituindo o gancho por uma especie de faca.

Todos sabem qual o fim para que esta arma é destinada; no entanto, como possa haver ainda alguém que desconheça a sua applicação, diremos que serve, não só como apoio para escadas, quando não haja forquilhas, mas para furar estuques, paredes *refans* ou divisórias, levantar telhas, etc.

Compõe-se de **cabo, bico, gancho e baucha**.

Os cabos de cada um deveriam variar de tamanho, porque muitas vezes é preciso trabalhar em sitios onde seja necessario maior ou menor comprimento, conforme a altura ou a extensão do quarto ou lugar em que tiverem de ser empregados.

Em Lisboa, os **bicheiros** são conhecidos pela denominação de **croques** e ha outros mais pequenos a que chamam **desferradeiras** e que servem para levantar as taboas dos tectos e despregar ripas.

Experiencia

Teve lugar no dia 26 do mez passado, pelas 8 horas da manhã, no edificio do antigo seminario, a experiencia de uma escada á ingleza de oito lanços, construida pelo sr. Antonio Moreira da Silva Couto, d'esta cidade.

REVISTA QUINZENAL

Á hora a que escrevemos ainda a cidade está impressionada com o desmoronamento d'uma pedreira nos Guindães a que se encostavam umas casas de que nem vestígios restam.

Veio o fogo completar a obra que o tempo e a imprevidencia dos homens preparou. N'aquelle montão de ruínas que descem até á margem do rio, estão sepultadas, segundo a voz do povo, que nem sempre é a voz de Deus, algumas dezenas de pessoas, segundo a voz official, apenas quatro.

Todo o Porto, a que chamam por excellencia a cidade laboriosa, correu a embasbacar-se deante das ruínas que cofrangem as almas e lembram a cólera de Deus pezando sobre as cidades maldictas.

Veio o desmoronamento fazer esquecer os ladrões. A cidade andava sobresaltada; desguarneciam-se as lojas de revolveres; muitos cidadãos arrostaram com o ridiculo de serem acompanhados até á porta de casa pela patrulha, a quem davam o seu bilhete de visita para esta poder dar parte

A escada foi manobrada pelo pessoal do carro n.º 1, com a assistencia do fiscal do material, e do novo engenheiro inspector, ultimamente nomeado, mas que ainda não tomou posse do commando.

As manobras constaram apenas de ligar os diversos lanços e desligal-os depois, podendo até dizer-se que estes trabalhos foram muito regularmente feitos sob a direcção do sargento Rodrigues, se attendermos a que os bombeiros não estavam ainda bastante praticos n'aquelle serviço.

Se o novo regulamento já estivesse em vigor, lembraríamos que o fiscal do material nada tem com o commando dos carros e bombas ou com as manobras que lhes dizem respeito, porque apenas lhe compete velar pelo seu aceio e conservação e tomar a direcção do serviço da agua.

Não succedeu assim, pois que pessoa fidedigna que assistiu ao exercicio nos afirma que o tal Almeida fiscal, já muito conhecido dos nossos leitores, subira os dois primeiros lanços, berrára, commandára e dirigira até palavras insultantes aos bombeiros, chegando a dar ordens contrarias áquellas que eram dadas por quem competia, o que ia dando em resultado cahir a escada.

Notamos igualmente, que aquelle sargento se apresentou de *raglan*, quando o uniforme que lhe compete é uma jaqueta. Como o engenheiro-inspector que assistiu como espectador ao exercicio ainda não é auctoridade reconhecida com tal, porque ainda não lhe foi confiada a direcção da companhia, não lhe pediremos providencias contra estes abusos, mas esperamos que o respectivo vereador os reprima devidamente e quanto antes, para que estes factos se não repitam e para evitar que sejam imitados por outros.

Emquanto á escada pareceu-nos que não deverá preencher o fim para que a destinam e que se torna muitissimo perigosa por falta de solidez; porém, como a experiencia foi tão superficialmente feita, muito desejaríamos poder assistir a outra para então a condemnarmos ou approvarmos com mais conhecimento de causa.

Os bombeiros apresentaram-se com muita ordem e

na esquadra que acompanhára a casa aquelle cidadão porque tivera medo.

A vigilancia da policia redobrou. Fantasiam-se roubos, citaram-se nomes de roubados, etc, etc., e nunca appareceu um ladrão. Algum desgraçado operario a quem o aturado inverno fechára a porta na officina, e nos pedia a esmola com a intimativa da fome, com o chapéu carregado sobre os olhos, corrido d'aquella humilhação, era um ladrão de quem se fugia, porque pedira de chapéu na cabeça, porque não pedia esmola, dizia que tinha fome. Enfim o medo lá vae e a fome recolheu á sua mansarda com receio tambem dos... honrados.

Tem sido horrorosa a invernia e a quadra que atravessamos vae deixando de si pouco agradável memoria. O commercio e a industria d'esta cidade tem-se sensivelmente resentido e ainda bem que o sol nos vae dispensando os seus sorrisos ainda não francamente abertos. Na praia de Mathosinhos o naufragio do vapor «Olga» deu pasto por alguns dias á curiosidade dos ociosos.

Deixemo-nos porém de negruras e entremos nos theatros.

No theatro de S. João depois da tempestade que por algumas noites alli se levantou, tem a Companhia que alli funciona seguido o seu rumo quasi desassombadamente. «Roberto do Diabo», «Capuletti e Montechi», «Lucrecia Borgia» e

limpeza, seguindo depois silenciosos para o quartel, o que nos surpreendeu por estarmos habituados ao contrario. Recebam portanto os nossos louvores e façamos votos para que continuem a merecel-os.

Castigo merecido

A guarnição da bomba n.º 10 estacionada na Foz, em virtude do mau serviço que prestou no grande incendio que ha pouco ali se manifestou, teve já tres exercicios de instrucção, como castigo, aos quaes assistiu tambem o sargento Claudino, o mais culpado de todas as tropelias que se praticaram e que nós já noticiamos, pedindo ao mesmo tempo providencias.

Como instructores, dirigiram as manobras o primeiro e o segundo commandante Pimenta e Gonçalves, brigadas Loureiro e os sargentos Barbosa, da bomba n.º 3 e Rodrigues Souto, do carro n.º 1.

O local escolhido foi a propria casa incendiada e as manobras constaram de montagem e desmontagem da bomba, trabalhos com a agulheta, collocação das escadas e algumas noções theoreticas.

E' com a maior satisfação que registamos o castigo mandado applicar pelo vereador do pelouro dos incendios, não só porque desde ha muito o estado anarchico da companhia clamava energicas providencias, mas porque s. exc.^a acaba de nos dar uma prova de que a nossa justa queixa foi attendida e que o serviço dos incendios começa a merecer-lhe a maxima attenção, porque já nos consta que se tem tomado outras medidas, que por enquanto não publicaremos, sem que ellas estejam definitivamente em vigor.

Inspeção geral dos incendios

Acha-se já installada nos baixos da casa da administração dos dois hairros d'esta cidade, junto aos Pa-

o «Trovador», o «Santo Antonio» das empresas lyricas, tem sido ouvidos com geral agrado. A companhia, se não é uma companhia de primeira plana, tem artistas de reconhecido merito e para nós, dizamol-o á puridade, não sabemos como no Porto se pôde sustentar uma companhia lyrica. O subsidio do governo é pequeno e a concorrência corre parella com o subsidio. Pouco de invejar são os lucros das empresas lyricas no Porto.

O grande successo no Baquet é o «Gato Preto» apparatusa magica de Borges d'Avellar e Augusto Garraio, com visualidades, marchas, transformações, danças, macacos, gatos, etc. n'uma palavra, uma magica posta em scena com luxo a que estamos pouco acostumados e que conta as representações por enchenentes.

Não somos apoloístas de magicas, nem de operetas, e doemos sinceramente ver um artista de subido merito como os ha incontestavelmente n'esta companhia, tomando parte em peccas da indole do «Gato Preto». A empresa do theatro Baquet não subordinou os seus interesses á arte e avisadamente andou. Se o publico gosta de rir, faça-se rir e ponham-se de parte tantos lindos dramas que representam muita applicação e muito estulo, que o publico não premeia, nem reconhece.

O «Gato Preto» tem elementos para se conservar longo tempo em scena, e repetimos: é muito digna de ver-se, porque poucas occasioes temos tido de ver uma peça tão bem verda e bem posta em scena como esta.

Borges d'Avellar e Augusto Garraio receberam a peça de bons ditos, cheios de espirito e que o espectador applaude gostoso.

O «Gato Preto» tem bastantes numeros de musica e permitta-nos o intelligente maestro Antonio Canedo que jul-

gos do Concelho, a repartição da nova companhia de incendios em via de organização, conforme determina o regulamento.

A vereação municipal, em sessão de 23 do mez findo, auctorisou por proposta do sr. Correia de Barros, a despeza de 429\$500 réis para a compra de mobilia e mais utensilios precisos para a repartição do serviço de incendios, em conformidade com o orçamento enviado pelo inspector.

Acha-se aberta a matricula para aquelles que se julgarem nas condições de pertencer ao novo corpo de bombeiros, para cujo fim deverão apresentar todos os documentos e attestados que possam servir-lhes de recommendação.

O regulamento tambem já se acha impresso para ser distribuido a cada um dos bombeiros, serventes e conductores.

Para o logar de secretario foi nomeado o sr. Augusto Cesar Jorge, moço intelligente e habil, segundo nos informam.

O inspector geral já visitou todos os quartéis das bombas, procedendo ao mesmo tempo ao inventario de todo o material, em companhia do secretario e do antigo fiscal Almeida.

Alguns individuos que requereram á camara para serem admitidos para a bomba da Foz, não foram attendidos, devendo requerer competentemente ao inspector geral.

Ignora-se por enquanto o dia em que começará a vigorar o novo regulamento.

Folgamos immenso que já se tenha encetado alguns trabalhos preparatorios para a definitiva organização da nova companhia; pois que, não só é de urgente necessidade a prompta execução dos propostos melhoramentos, dos quizes o actual vereador é auctor, mas porque qualquer demora poderá ser altamente prejudicial.

Muito estimaremos que as determinações do regulamento sejam cumpridas á risca, porque estamos certos que aquelles, cuja má conducta e defeitos temos apontado, não serão admitidos e que só o serão aquel-

guemos que foi mais feliz na escolha da musica para o «Espelho da Verdade», do que na magica de que vamos fallando.

No theatro da Trindade, o theatro popular por excellencia, não tem escasseado a concorrência, e o «Ramo de Ouro» continua a dar algum *cobre* á empresa.

Acaba de apresentar-se ao publico a Estudantina Portuense. Composta de artistas distinctos sob a direcção dos irmãos Antunes, a Estudantina Portuense soube e com justiça, fazer-se applaudir nas diversas peças que executou.

Convidados para assistir á sua primeira prova publica, cabe-nos o dever de agradecer a deferencia havida com esta redacção.

Agora, ao retirar-me, cumpre-me rogar aos leitores desculpa para a substituição do chronista que illustrava as paginas d'este humilde quinzenario com as suas apreciaveis chronicas.

30 de janeiro.

les que reünam todos os requisitos indispensaveis, conforme as determinações de alguns artigos.

Será para nós extremamente agradável se assim se proceder, porque não só a companhia lucrará, mas também o município.

Os chafarizes

O unico abastecimento de agua de que a companhia de incendios do Porto pode dispor é o dos chafarizes publicos, que não são de mais para uma cidade tão populosa como esta; e portanto, era de maxima conveniencia e necessidade que se conservassem sempre cheios e a policia redobrasse de vigilancia para que os aguadeiros e particulares só enchessem os canecos e vazilhas nas bicas competentes.

Ultimamente temos visto alguns tanques vazios, provavelmente porque tiram a agua para outros misteres, quando na nossa opinião, aquella agua só deveria ser applicada em caso de incendio, visto que nos poços particulares, que só podem ser utilizados por meio da respectiva bomba, apenas se pode euchar uma vazilha de cada vez.

Esperamos que a camara tome na devida consideração esta nossa lembrança, pois que a falta de agua pode causar graves prejuizos em caso de sinistro e o corpo de bombeiros não poderá ser accusado com justiça por não poder atalhar o incendio.

Competia ao commandante officiar á camara dando-lhe noticia d'este e outros abusos; mas todos sabem de sobejo a sua incompetencia e desleixo. Portanto, não havendo alguem que de véras se interesse pela segurança publica e chame a attenção de quem compete para estas minudencias, que, muito embora á primeira vista pareçam insignificantes, são altamente importantes e muito poderão influir para o bom ou mau nome da companhia e de quem a dirige. Compete-nos a nós pedir providencias e a maior vigilancia para se evitar estes factos.

O fiscal Almeida

São tantas as tropeias, tantos os abusos e tão repetidas as faltas commettidas por este bombeiro, incompetente até para ficar de guarda á estação da sua machina, mas que infelizmente exerce cargos importantes na companhia de incendios d'esta cidade, como são o de sargento da bomba e fiscal do material, que não bastariam os vinte e quatro numeros do nosso periodico para registrar annualmente todos os actos mercedores de censura que pratica.

É já para nós bastante fastidioso noticiar tão amudadas vezes as façanhas d'este individuo; e por certo não continuaríamos, se não temessemos que os nossos leitores poderiam julgar que já se havia regenerado. Infelizmente, não teremos essa satisfação; pois que, a darmos credito a certos annexins populares não será este Almeida susceptivel de transformação para melhor, porque quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita e como já é velho não tomará andadura.

A ignorancia, ineptia e vontade de usurpar as attribuições dos outros, iam sendo a causa da morte de dois infelizes.

Tantas vezes temos pedido para que seja castigado, mas como até hoje tem sempre ficado impune,

mais se anima de dia para dia a praticar novas proezas, ufanando-se ainda com a certeza da impunidade.

Se não procurarem de alguma forma obrigar-o a occupar-se unicamente dos seus deveres, ou enquanto o não expulsarem, teremos ainda o desgosto de noticiar alguma calamidade muito mais grave do que aquella a que acaba de dar origem.

Eis o caso:

No dia 27 do mez passado, intendeu a alta intelligencia do sr. Almeida, que era de conveniencia fazer-se novas experiencias com a escada que o sr. Moreira Couto havia construido; e sem consultar o commandante e sem sua auctorisação ou dos sargentos Albino e Rodrigues, a cujo carro a dita escada pertencia, ordenou que a mesma fosse conduzida para o pateo do edificio da camara.

Ora, como este individuo, apesar de se intitular o «Faz tudo» nada sabe e nada comprehende do serviço de bombeiro, collocou mal a escada e esta resvalando pelo lagedo, auxiliada pelas grellas que estavam encostadas á parede, precipitou sobre as pedras os dois imprudentes que haviam subido, resultando d'este accidente ficarem ambos muito feridos e confusos, sendo um d'elles conduzido ao hospital e o outro a sua casa.

Consta-nos e já o lêmos também no «Commercio do Porto» e «Echô de Portugal e Brazil» que o tal Almeida, auctor e principal causador d'esta desgraça tão lamentavel, que poderia ter roubado a vida áquelles dois infelizes, fôra já suspenso temporariamente por ordem do vereador do pelouro dos incendios, o sr. José Augusto Correia de Barros.

Muito estimaremos que seja verdadeira esta noticia, não só para que o delinquente não continue a gabar-se de que os seus superiores se não atrevem a castigar-o, mas para servir de exemplo, a fim de que os outros não exorbitem também as suas attribuições e procurem ser mais dignos do que este seu camarada, a quem a nossa secção de escandalos destina o logar de protagonista.

É já que tivemos de fallar d'este facto, lembraremos mais uma vez ao sr. Correia de Barros, que sejam excluidos da nova companhia todos aquelles que estiverem nas mesmas condições que o sargento Almeida, porque do contrario, nunca a companhia de incendios conseguirá elevar-se como deve.

Confiamos que s. exc.^a tome na devida consideração esta lembrança e nos attenda, para honra sua e beneficio de todos.

Horriavel catastrophe

No dia 27 do mez passado, pelas 3 h2 horas da tarde, um terrivel successo, que enlutou varias familias e causou prejuizos espantosos e avultados, alvoroçou dolorosamente toda a cidade.

A rocha sobranceira á rua dos Guindaes e que desde agosto do anno passado ameaçava desabar, despegou-se finalmente e caindo sobre os predios que ficavam proximos, reduziu tudo a um montão de ruinas fumegantes, em resultado de um fogão que estava acceso em um dos predios, no qual estava estabelecida uma hospedaria.

O aspecto que apresenta actualmente aquella parte da Ribeira é desolador e ao mesmo tempo tão imponente esse quadro de tão collossal desabamento, que

só visto se poderá fazer ideia do horror que inspira e dos estragos que causou tão lamentavel sinistro.

Desde ha muito que a camara municipal tinha mandado intimar os moradores dos predios para que os abandonassem, achando-se já alguns vazios; e desde pela manhã que estava impedido o transito n'aquella parte da rua. Alguns moradores mostraram-se renitentes em sahir das casas, tornando-se necessario ao chefe de esquadra Ribeiro, que desenvolveu grande actividade e zelo, conduzil-os sob custodia para a esquadra policial de Cima do Muro.

Alguns montantes da camara andavam presos com cordas pela cintura, a quebrar parte da rocha que estava em imminente risco de ruina, pois apresentava uma fenda de grandes dimensões; quando repentinamente, enormes penedos se despegarão e soterraram os predios que se lhe achavam encostados, affundando tambem duas barcas com carregamento de batata.

As casas que desabaram são a do sr. Manoel de Madureira, construida no alto da rocha e bem assim as dos srs. João Francisco Gomes & Irmãos e Joaquim José Rebello Lima; e é tal a quantidade de penedos da pedreira que cahiu, que não se pode ver o mais leve vestigio de qualquer dos predios.

Os sinos começaram em seguida a tocar a rebate, comparecendo immediatamente grande concorrência de povo, pessoal da companhia de incendios do Porto e Villa Nova de Gaya, trabalhadores da camara, tropa de linha, da guarda municipal e de cavallaria; porém nada poderam fazer para dominar o incendio, porque o perigo era imminente, havendo ainda alguns penedos e muros prestes a desabar.

Felizmente, em vista das acertadas providencias que se haviam tomado, o numero de victimas parece que não excede a cinco, apezar de que ao principio todos julgavam que o numero de pessoas esmagadas fosse superior a quarenta. No entanto, nada se sabe ainda com certeza.

Os bombeiros procuraram com a maior coragem e boa vontade debellar o incendio e remover algumas pedras, mas todos os esforços foram baldados, vendo-se a final obrigados a retirar, porque os clarins postados na ponte deram o signal de perigo e fuga por ordem do director das obras publicas.

O sr. Luiz David da Fonseca ficou sem parte da sua familia e sem os seus haveres. As pessoas da sua familia que morreram tinham abandonado a casa horas antes; porém haviam voltado para trazer uma imagem de Santo Antonio, quando se deu o desastre.

Compareceram todas as auctoridades civis e militares, assim como o presidente, vice-presidente e mais alguns vereadores da camara municipal.

O incendio que se havia manifestado nas ruinas communicou-se a duas casas proximas, nas quaes havia um deposito de palha e madeiras.

Os promenores do incendio e a maneira como correram os trabalhos, consta da secção respectiva que hoje publicamos com referencia ao mez findo.

Já se procedeu a nova vistoria á qual assistiram varios engenheiros, ficando resolvido que, sem perda de tempo, se começasse a trabalhar no apeamento da pedreira. Segundo nos informam, parece que já se encetaram alguns trabalhos n'esse sentido.

Sua Magestade El-rei ordenou que pelo ministerio do reino lhe fossem indicados os nomes das pessoas que se acham desalojadas e que soffreram com esta catastrophe.

Muitas pessoas estranharam que a corporação de

bombeiros voluntarios não tivesse comparecido, visto que os seus estatutos lhe impõem o dever de comparecer tambem a inundações, desabamentos e terramotos; porém, quer parecer-nos, que não ha motivo algum para censura, pois que, tendo aquella associação suspenso os seus trabalhos, subintende-se que não só o fez com referencia aos incendios, mas com referencia igualmente a todos os serviços a que concorram os bombeiros municipaes.

E' de crer que logo que esteja em vigor o regulamento, desappareçam as difficuldades que tem impedido a coadjuvação de tão benemerita corporação e que a cidade possa ainda admirar-lhe o valor e a dedicação, utilizando-se dos seus desinteressados serviços.

Manoel d'Almeida

Na noticia do incendio que demos, occorrido nas Caldas de Vizella, no dia 8 do passado, dissemos que um dos voluntarios cahira de um telhado sobre a varanda de um pontilhão, resultando-lhe da queda o ficar em perigo de vida.

Hoje temos a acrescentar que foi victima da sua dedicação.

Chamava-se Manoel d'Almeida, e era um honrado e digno artista o desventurado que deixou em precarias circumstancias viuva e tres filhinhos.

A associação dos bombeiros voluntarios de Vizella fez-lhe um honesto enterro, concorrendo grande numero de pessoas a prestar ao malogrado bombeiro as ultimas honras funebres.

Segundo informações que reputamos fidedignas, deveu Manoel d'Almeida a morte muito á sua imprevidencia, porquanto sendo a sua secção a encarregada do manejo da bomba, andava occupado em outros trabalhos que não eram da sua competencia.

Honremos no entanto a memoria do homem que perdeu a vida em beneficio dos seus semelhantes.

Chronica e analyse dos incendios no Porto, durante o mez de janeiro ultimo

7 DE JANEIRO—A's 10 horas da noite, na Corticeira, em uma pequena barraca de madeira que servia de deposito de chamiça, pertencente a Antonio da Pastelleira.

Ganhou o premio e traballhou a bomba da 1.ª secção de Villa Nova de Gaya.

Os prejuizos são calculados em trinta e tantos mil réis.

O deposito ardeu todo.

11 DE JANEIRO—A' 1 hora da tarde, na rua da Liberdade n.º 41, propriedade de Antonio da Costa Fontes habitada por Eduardo Alves da Silveira.

O fogo manifestou-se na casota do cão, por este ter levado para ali uma caixa com phosphoros, a qual incendiou com os dentes.

Apenas ardeu a casota, porque os vizinhos acudiram promptamente.

27 DE JANEIRO—Em dois predios da rua dos Guindões que serviam de deposito de palha e de madeira.

O incendio manifestou-se em virtude do desmoroamento de uma pedreira, que fez desabar quatro predios, em cujas ruinas teve origem o incendio, motivado pelo fogão da cosinha que estava accêso.

E' impossivel por enquanto calcular os prejuizos que são avultadissimos.

Ha a lamentar a morte de algumas pessoas, que ainda estão sepultadas sob os destroços; mas não é possivel saber-se ainda o numero das victimas.

As companhias de incendios do Porto e Villa Nova de Gaya tem sido infatigaveis e tem desenvolvido tal energia e coragem, que não podemos deixar de confessar a sua muita dedicação, assim como a boa ordem e criterio com que tem procedido a todos os trabalhos.

Compareceram no local do sinistro as principaes auctoridades e entre estas o vice-presidente da camara e vereador do pelouro dos incendios, o sr. José Augusto Correia de Barros, assim como o inspector dos incendios, Eduardo Augusto Falcão.

E' digno de elogio o sr. Correia de Barros pelos acertadas medidas que tomou, e não o é menos por ter louvado o bom serviço dos bombeiros na ultima sessão camararia e conseguido que fossem remunerados aquelles que mais se tinham distinguido.

S. exc.^a propoz igualmente que se officiasse a camara municipal de Villa Nova de Gaya, communicandolhe que a vereação portuense tinha na devida conta os bons serviços prestados pela corporação dos incendios d'aquella villa e muito especialmente pelo seu commandante, o sr. Eduardo da Costa Santos.

Os promenores d'esta catastrophe vão em outra parte do nosso periodico.

29 DE JANEIRO—A's 4 1/2 horas da manhã no porão da proa do vapor portuguez «Rio Lima» procedente de Lisboa e Antuerpia e que se achava ancorado em frente da antiga alfandega de consumo, em Massarellas.

O fogo teve origem na carga, que se compunha de café, linho e algodão, etc. e causou bastantes prejuizos.

Julgase que o incendio fôra motivado por combustão espontanea em lâ.

Os primeiros socorros foram prestados pelas guarnições dos vapores «Rio Tejo» e «Rio Douro» e pelo vapor inglez «Anglian» que estavam proximos.

A confusão de toques fez com que os socorros publicos chegassem tarde.

O vapor, que é pertencente á companhia «Thetis», soffreu prejuizos avaliados em 3:000\$000 réis.

Se tivesse havido um respirador, os estragos causados pela agua teriam sido muito menores, porque poderiam os bombeiros ou marinheiros aproximar-se do focco do incendio, o que não aconteceu porque o fumo era intenso.

Ainda bem que o regulamento está prestes a vigorar, aliás pediríamos providencias e castigo para os sargentos que deixam ficar de proposito ou por esquecimento material da companhia, no local do incendio, como aconteceu agora com a escada de ganchos da bomba n.º 3, que lá ficou pendurada no vapor, a pedido não sabemos de quem.

A guarnição d'esta machina, que antigamente era tão escolhida e habil e ao mesmo tempo commandada por um sargento, posto que velho e alquebrado, mas digno e respeitavel, parece que agora é apenas composta de recrutas e que o seu chefe não está na verdadeira altura de a commandar, pois que ignora até como a bomba se desmonta. Queriam esses bombeiros que a bomba cahisse da carreta sem desprenderem o cadeado da frente; e se não fosse um individuo estranho aquel-

la corporação, ainda a estas horas lá estariam sem a poderem desmontar.

E' inacreditavel, mas é verdade!

Sabemos que algum tenta desculpar o sargento, dizendo que os bombeiros foram instados para deixar ficar a escada como prevenção em caso de novo alarma; mas não assiste a pessoa alguma o direito de dispôr de objectos que estejam em serviço e possam ser necessarios de um momento para outro.

Imagine-se a responsabilidade em que incorreria a guarnição d'aquella machina, se logo em seguida tivesse de ir para outro incendio e fosse necessaria a escada para salvar algum.

A impunidade tem sido a origem de novos abusos e do augmento de desordem a que attingiu a companhia de incendios.

Se uma ou outra vez se distingue, como no incendio dos Guindaes e merecem louvor, dão-nos immediatamente motivo para acres censuras.

Expulsem ou castiguem com severidade os culpados e estamos certos que só teremos palavras de elogio.

Correspondencias

LISBOA

(Do nosso correspondente)

Convidado a dar quinzenalmente para o «Bombeiro Portuguez» noticias que prendam com a indole d'esse jornal, sejam as minhas primeiras linhas um protesto de reconhecimento para com a redacção que me concedeu a subida honra de collaborar nas columnas d'esse periodico, que tem merecido tanto conceito em todo o Portugal, não só pela proficiencia dos seus escriptos, devidos a penhas habilitadissimas, como por ser o unico que possuímos destinado exclusivamente ao estudo do serviço de incendios.

Na plena convicção do meu apocado saber, transluzido no alinhavado das phrazes, eu não accetaria este cargo se a muita amizade com o proprietario d'esse jornal me permitisse uma recusa.

Na minha posição de correspondente vou dar aos leitores noticias d'uma scena a que assisti e que jamais se apagará da minha mente; eu vi prestar homenagem á abnegação e premiar o valor.

Eu vi seis bombeiros municipaes, seis valentes, serem alvo d'uma manifestação sincera. Para que essas almas tão bem formadas tenham incentivo para novos actos de heroísmo e sejam justamente admiradas, darei os seus nomes

Francisco Rodrigues da Conceição, 1.º ajudante do inspector geral; Antonio Martins, bombeiro n.º 7, Eduardo Augusto dos Santos, n.º 62; Francisco Caetano Rodrigues, n.º 70; Bruno Dias, n.º 97; Antonio José Marques, n.º 102; Luiz Francisco Gravata, n.º 112; Guilherme Eduardo da Conceição, n.º 118; Antonio Lopes, 1.ª sota, n.º 419 do carro 27.

Foram estes os bravos que roubaram a uma morte quasi inevitavel um homem sepulto nas ruinas do desmoronamento de Belem, e que com perigo da propria existencia fizeram o desentulho e tiraram os cadaveres dos infelizes operarios, victimas d'aquelle medonha hecatombe.

Domingo, 19 de janeiro, cerca do meio dia, reuniu-se a camara municipal em sessão solemne, achando-se presentes os srs. marquez de Ficalho, Thomaz Ribeiro, ministro da marinha, Carlos Barreiros, ins-

pector geral dos incendios, o corpo de bombeiros municipaes, um piquete de voluntarios e grande concorrência de povo.

Orou o sr. ministro da marinha e o sr. Barreiros, depois do que, foram distribuidas as medalhas aos seis bombeiros.

Deus permitta que o heroísmo, como o bello, tivesse tantos incentivos que todos os que se dedicam ao mister de bombeiro procurassem seguir estes exemplos que tanto ennobrece.

LUCIO.

LAMEGO

(Do nosso correspondente)

Satisfazendo ao pedido que v. ha tempos me fez para ser o correspondente do «Bombeiro Portuguez» principio agora a minha tarefa.

Hoje houve pelas 7 e meia horas da manhã principio de incendio no palacete dos Brolhos, propriedade do sr. Macario de Castro de Vilhena. O fogo teve origem na fuligem da chaminé, mas foi promptamente extinto sem o auxilio das bombas; no entanto, os prejuizos são calculados entre cincoenta e sessenta mil réis.

No dia 5 do corrente teve exercicio na frente da casa da camara toda a companhia municipal.

Teem estado enfermos os bombeiros voluntarios José dos Santos Leitão Junior e Arthur da Costa Moraes.

Lamego 30 de janeiro de 1879.

M.

No estrangeiro

Um pavoroso incendio destruiu a bibliotheca central de Birmingham.

E' incalculavel o prejuizo que causou o incendio, que reduziu a cinzas verdadeiras preciosidades. Para se fazer uma ideia basta dizer-se que dos 100:000 volumes que compunham a bibliotheca só 12:000 se poderam salvar.

* * *

Em New-York, em 13 do passado, um incendio destruiu os armazens de fato feito de Broadway.

Ascendem as perdas a dois milhões de dollars.

* * *

Ardeu tambem a castello de Decombe-Park, no condado de York (Inglaterra). Pertencia ao conde de Feversham que ali tinha objectos dearte de subido valor, de que se perderam a maior parte.

Varias noticias

Acha-se bastante doente e de cama, ha perto de quinze dias, o segundo patrão dos bombeiros voluntarios do Porto, Eduardo de Souza Pereira.

Os nossos sinceros sentimentos e ardentés votos para que melhore quanto antes.

* * *

No dia 24 do mez findo houve reunião da direcção da Real Associação Humanitaria «Bombeiros Voluntarios do Porto», para tractar de negocios administrativos concernentes á mesma.

* * *

O orçamento da despeza da corporação de bombeiros municipaes de Londres, para o anno corrente, sobe a 271:485\$000 réis; isto é, mais 51:457\$500 réis do que no anno findo, cujo augmento é destinado á compra de material e varios melhoramentos.

Aqui regateia-se qualquer pequeno augmento de despeza!

Que contraste!

* * *

A camara municipal da Povia de Varzim pensa em melhorar o seu material de incendios. Acaba de confeccionar o seu orçamento para acudir a despezas que vae criar e parece animada dos melhores desejos de traduzir os seus projectos em realidade.

Oxali que todas as camaras lhe seguissem o exemplo, lembrando-se, que mais vale prevenir que remediar.

* * *

Segundo nos communicam de Guimarães, esteve n'aquella cidade, ultimamente, o sr. Augusto Leite da Silva Guimarães, apreciabilissimo cavalheiro, tanto pela sua illustração, como pela seriedade do seu character.

O sr. Leite Guimarães é 2.º secretario da Associação dos bombeiros voluntarios do Porto.

* * *

Na Guarda, no theatro da localidade, deu-se um beneficio em favor da associação dos bombeiros voluntarios d'aquella cidade.

Correspondencia recebida na administração d'este periodico de 15 a 31 de janeiro

Villa Nova de Gaya—Do sr. João Vieira de Andrade.

Lamego—Do sr. Antonio Joaquim Vieira de Magalhães.

Lisboa Do sr. Eleuterio dos Santos.

Guarda—Do sr. Francisco Antonio Patricio.

Guimarães—Do sr. Francisco Martins Gouveia de Moraes Sarmento.

Gollegã—Do sr. Carlos Relvas.

Caldas de Vizella—Do sr. Armindo Pereira da Costa.

Vianna do Castello—Do sr. José Maria de Barros.

Lisboa—Do sr. José Serzedello da Costa.

Caldas de Vizella—Do sr. Antonio Pedro de Barros Lima.

Fundão—Do sr. Oliveira & Lopes.

Expediente

Para regularidade da nossa escripturação, e até por conveniencia para os nossos assignantes, resolvemos cobrar adiantadamente a nossa assignatura no Porto, por trimestre, nas provincias por semestre e no estrangeiro por annuidades.

O escriptorio da redacção e administração é na rua de Fernandes Thomaz n.º 128. Dirigir para alli toda a correspondencia franca de porte a J. R. da Cruz.

**

A accumulacção de trabalho na officina onde se imprime o nosso quinzenario obsteu a que elle se publicasse no respectivo dia. Fiamos que não se repetirá esta falta, de que pedimos desculpa aos nossos estimaveis assignantes.

**

O **Bombeiro Portuguez** vende-se avulso na livraria Civilisação, á rua de Santo Ildefonso n.º 8 e 10 e na rua do Bomjardim, 197 (ao Paraizo).

O preço de cada numero até á publicação do seguinte é de 50 réis: decorrido esse prazo 200 réis.

O **Bombeiro Portuguez** assigna-se na livraria Civilisação, Santo Ildefonso, n.º 8 e 10 e na rua do Bomjardim n.º 187 (ao Paraizo).

Está em distribuição o ALMANACH DO BOMBEIRO PORTUGUEZ.

Rogamos aos srs. assignantes das provincias façam acompanhar as suas requisições da respectiva importancia (300 réis cada exemplar) para a boa regularidade e prompta expedição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á administração d'este jornal.

O ALMANACH acha-se á venda em todas as livrarias, nas principaes tabacarias e na rua do Bomjardim n.º 197 (ao Paraizo).

BRINDE

A empresa do **Bombeiro Portuguez** offerece como brinde aos seus assignantes

qualquer dos retratos que até hoje tem publicado e que são dos srs. Guilherme Gomes Fernandes, Thiago José Gonçalves, Eduardo da Costa Santos, Conde de Rio Maior, Antonio Nunes Ricca, Matheus Samuel da Silva, José Augusto Correia de Barros e Henrique Jauncey.

Estes retratos são tirados em cartão e de modo a poderem ser emmoldurados e podem ser reclamados á face do recibo do trimestre que finda em 31 de dezembro, na rua do Bomjardim, 197 (ao Paraizo).

Os assignantes que desejarem adquirir mais do que o retrato a que tem direito, pagarão por cada um 50 reis sendo o seu preço para os não assignantes de 100 reis.

Todas as pessoas que assignarem o **Bombeiro Portuguez**, assignatura a principiar em 1 de janeiro de 1879, teem direito ao mesmo brinde.

Os srs. assignantes das provincias poderão fazer as suas requisições á administração—Fernandes Thomaz, 128—Porto.

ANNUNCIOS

IMPRESA CIVILISAÇÃO

DE

SANTOS & LEMOS

8—RUA DE SANTO ILDEFONSO—10

N'esta typographia, recentemente montada, toma-se conta de toda e qualquer obra não só respeitante á mesma, mas tambem de lytographia.

OFFICINA DE ENCADERNAÇÃO

DE

JOSÉ PEREIRA VAZ

Vende livros em branco, religiosos e scientificos; romances novos e usados, papel, tinta, louzas e mais miudezas.

Exenta encadernações em todos os generos, com perfeição, brevidade e por preços modicos.

78, RUA DE SANTA CATHARINA, 78

IMPRESA CIVILISAÇÃO DE SANTOS & LEMOS

8—RUA DE SANTO ILDEFONSO—10